

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO VIII



COIMBRA / 1959

Um mistério bibliográfico: A «Historia de Potosí» de Antonio de Acosta

É um facto curioso e digno de nota que relativamente poucos estudos tenham sido feitos acerca das prolongadas e complicadas relações entre Portugueses e Espanhóis no Novo Mundo.

Embora durante mais de três séculos os povos ibéricos tenham partilhado uma grande parte do continente americano e durante o período de 1580-1640 tenham estado unidos sob um mesmo soberano, os historiadores da acção espanhola têm prestado pouca atenção ao Brasil e os estudiosos da história portuguesa raramente têm utilizado o importante material manuscrito com interesse para eles existente nos arquivos dos países de língua espanhola i¹).

Essa mútua indiferença, no entanto, parece estar a transformar-se em um mais activo conhecimento e este poderia representar um importante avanço no sentido de mais profunda compreensão das duas culturas ibéricas. A participação de Espanhóis nas extraordinárias conquistas dos *bandeirantes* (2) e a riqueza de documentação dos arquivos espanhóis a respeito deste assunto (3),

i¹) Alguns contributos recentes: E. J. Burrus, S. J., «Jesuítas portugueses na Nova Espanha (1588-1716)», *Brotéria*, rvn, 2.º semestre (Lisboa, 19*53), págs. 547-564; Robert Ricard, *Los portugueses em las índias españolas*.

i²) Cassiano Ricardo, *La marcha hacia el oeste* (México, 1956). Ver especialmente o capítulo XIII: «El elemento español en la interpretación psicosocial de la bandeira» '(págs. 405-420). Vicente Licínio Cardoso acentua a salutar e intensa influência de Espanhóis no Brasil em *À margem da história do Brasil* '(São Paulo, 19133), págs. i79-101.

i³) Rosendo Sampaio Garcia, *Documentos portugueses no Archivo General de índias* (São Paulo, 19154); Astrogildo Rodrigues de Melo, *Paulistas na terceira década do século XVII* '(São Paulo, 1954). Ver também Maria dél Carmen Pescador del Hoyo, *Archivo Histórico Nacional. Documentos de índias. Siglos XV-XIX* (Madrid, 1954), pág. 2W.

assim como as fontes portuguesas sobre a acção espanhola, começam a ser notados. Manuscritos existentes em São Paulo revelam, por exemplo, que um famoso *sertanista*, António da Silva, morreu perto de Potosí (4) ; uma investigação sistemática nos depósitos de documentos portugueses e nos arquivos brasileiros, de Belém do Pará a Porto Alegre, é provável que forneça muitas informações sobre contactos hispano-americanos com o Brasil durante o período colonial. No entanto, poucos são os historiadores que iniciaram a exploração deste género de fontes.

Os Portugueses não somente se dirigiram à América espanhola e aí se ligaram proveitosamente a vários empreendimentos, mas também escreveram cuidadosas descrições da parte espanhola da América. Nos princípios do século xvii, um português elaborou uma breve mas valiosa notícia do Peru e apresentou-a aos Estados Gerais da Holanda (5). O autor tinha residido durante quinze anos em Lima e visitado outros lugares do Peru, incluindo Potosí. Descreve o centro mineiro como tendo 4.000 casas espanholas e mais de 40.000 trabalhadores índios que vivem em cabanas de colmo, na orla do aglomerado. Impressionou-o, como à maior parte dos visitantes, a atmosfera da turbulenta cidade da prata: «Pululaban en la villa los bravos, jugadores de profesión y demás gente maleante». Mas não deixou de acrescentar: «Aquí están las mejores maquinas y artificios que en el mundo nunca se han hecho» (6).

No entanto, o mais importante escrito português sobre a América espanhola era, provavelmente, a *Historia de Potosí* redigida por Antonio de Acosta ou Costa. Bartolomé Arsanz Orsúa y Vela, o *potosino* do século xviii cuja maciça obra sobre Potosí continua, infelizmente, inédita, cita largamente o livro que ele considera uma das principais autoridades na sua extensa história das vicissitudes

(4) Alice P. Canabrava, *O comércio português no Rio do Prata, 1580-1640* (São Paulo, 1944), pág. 139.

(5) José 'de la Riva-Agüero, ed., «Descripción anónima del Perú y de Lima á principios del siglo xivii compuesta por um judío português y dirigida á los estados de Holanda», *Actas y Memorias. ¡Congreso de Historia y Geografía Hispanoamericana celebrado en Sevilla en abril de 1914* ((Madrid, 1914), págs. 347-384.

(6) *Ibid.*, pág. 3177. A informação sobre Potosí encontra-se nas págs. 376-3717.

da *Villa Imperial* Ç). Descreve Acosta como um «noble lusitano que escribía en su idioma» e afirma que a sua obra foi publicada em português, em Lisboa, cerca de 1671², e depois o volume foi traduzido para espanhol pelo andaluz D. Juan Fasquier, que morreu antes de acabar a tarefa, a qual incluía a continuação da *Historia* de Acosta até esse momento. As outras duas histórias frequentemente citadas por Orsúa y Vela foram elaboradas pelo capitão Pedro Méndez e Bartolomé de Dueñas, ambos peruanos, que, do mesmo modo, não chegaram a concluir os seus trabalhos «por causa de várias circunstâncias» (8). A história de Acosta era, por conseguinte, das quatro de que Orsúa y Vela depende largamente, a única levada até ao fim pelo seu autor.

Nenhum exemplar da obra de Acosta foi, até hoje, localizado e é tão completo o silêncio das bibliografias clássicas a respeito de Acosta que temos de perguntar se a *Historia de Potosí* não será uma mistificação. No entanto, Orsúa y Vela refere-se-lhe com tal conhecimento e cita com tão grande frequência a sua obra que parece provável ter Acosta elaborado um volume que nunca foi impresso ou que só foi publicado numa tão pequena edição que nenhum exemplar chegou até ao século xx.

Na falta desse exemplar, em manuscrito ou sob a forma de impresso, temos a *Historia* de Orsúa y Vela como nossa única fonte de informação sobre a história de Acosta. Orsúa y Vela declara que o relato de Acosta se concentrava fundamentalmente à volta das três «destrucciones» de Potosí: «o derramamento de sangue naquelas memoráveis guerras dos Vicuñas, a inundação quando rebentou o dique de Cari-Cari e a depreciação da moeda realizada pelo Presidente Don Francisco de Nestares Marín» (9).

(7) Algumas idas referências aos textos sobre Acosta são tiradas da versão impressa de uma pequena 'parte da obra total de Orsúa y Vela, publicada em Buenos Aires em 19413 pela Fundação Patmo e organizada por Gustavo Adolfo Otero. Quando os textos citados pertencem a este volume indica-se o número da página. Quando se encontram em partes inéditas do manuscrito, cita-se o livro e capítulo.

!(8) *Historia de la Villa Imperial de Potosí*, págs. 4-5.

(9) (*Ibid.*, pág. 15. Ao longo da margem do Liv. VII, cap. 1, Orsúa y Vela pôs esta nota: «Acosta. Hist. de Poitosis intitulada: Las tres destrucciones de la Villa Imperial de Potosi desde el (Cap. V del (Lib. V hasta el Cap. 52)». Com frequência é indicado o capítulo exacto de Acosta, como neste caso. A última vez que Acosta é mencionado cita-se o seu Liv. VI, cap. 12.

A respeito do próprio Acosta, Orsúa y Vela pouco mais diz do que ser ele «iPortuguez de nación». Somos informados de que estava na *Villa Imperial* só há quatro dias quando lhe chegaram as tristes novas da morte do rei D. Sebastião em África, ocorrida a 4 de Agosto de 1578, de modo que ele chegou, provavelmente, ao centro da prata por altura de 1579. Como leal português, intercala na sua história «una lastimosa exclamacion declarando las virtudes, sumo valor, y miserable ruina des'be desgraciado Rey; y callando su muerte concluya con solo dezir, que de embidia el fiero Marte consiguió el no tener opositor en el mundo; pero que a su tiempo volveria»⁽¹⁰⁾.

Acosta era claramente um leal potosino, manifestando esse orgulho pelas maravilhas da *Villa Imperial* que caracteriza os escritos da maior parte dos que foram levados a descrever a sua fascinante história. Orsúa y Vela considera-o um «verdadeiro historiador»^{C11)}, louva-o como um dos que relatam sucessos tais como aconteceram, sem acrescentar nem suprimir nada⁽¹²⁾, refere-se à sua obra como uma «muy acreditada y agradable Historia»⁽¹³⁾, e, pela constante dependência relativamente ao seu texto, claramente vê em Acosta uma fonte séria e digna de confiança⁽¹⁴⁾.

Acosta, que parece ter sido testemunha ocular⁽¹⁵⁾ de muitos dos episódios e sucessos incluídos na sua *História* e que residiu em Potosi de 1579 até cerca de 1650, porque a sua última referência é a acontecimentos deste último ano⁽¹⁶⁾, deve ter chegado a Potosi na juventude e vivido até avançada idade. Isto não é tão surpreendente como parece, porque, a despeito dos rigores da situação de Potosi nos Andes, a cerca de 15.000 pés acima do nível do mar, alguns potosinos viveram até idade propecta; Orsúa y Vela menciona um mineiro que viveu 120 anos e era ainda capaz de subir

(iii) *Historia de la Villa Imperial de Potosí*, Liv. V, cap. 9.

01) *Ibid.*, pág. 341.

02) *Ibid.*, Liv. V, cap. 18.

(13) *Ibid*pág. 344.

(14) Cfr. *ibid.*, Liv. VIII, cap. '18, onde Orsúa y Vela adopta o sistema usado por Acosta de não mencionar os nomes de eclesiásticos em certas circunstancias. No Liv. VIH, cap. 12, louva também a 'pormenorização de Acosta e através dele refere-se sempre a Acosta com respeito.

(15) *Ibid.*, Liv. VIII, cap. fr e pág. 89,

'0«) *Ibid.*, Liv. IX, cap. 1.

ao cume da montanha da prata «uma vez por outra, quando lhe apetecia».

'Certamente Acosta abrange um mais largo período da história de Potosi do que Orsúa y Vela sugere anteriormente, se admitirmos uma exacta descrição da *Historia*, porque Acosta regressa ao princípio da mina em 1545 e inclui na Obra diferentes espécies de materiais. Reflecte sobre como Potosi recebeu o seu nome ⁽¹⁷⁾, afirma que sobre a cidade caiu saraiva tão grande como ovos de pomba ⁽¹⁸⁾, menciona a riqueza ganha pelos taberneiros X¹⁹) e expõe com grande pormenor o descobrimento de certas pedras extremamente preciosa® ⁽²⁰⁾. Descreve os terríveis furacões que devastaram a cidade, narrando as cenas tão vivamente que quase ouvimos o vento assobiar pelas ruas estreitas e tortuosas de Potosi ⁽²¹⁾. Fala do descobrimento de estranhos restos mortais durante as escavações para a igreja dos Dominicanos ⁽²²⁾. Calcula— como a maior parte dos que escreveram sobre Potosi — quanta prata foi extraída do fundo da montanha e a certa altura exclama que, se fosse posta toda junta, era em quantidade suficiente para atingir a mesma altura do próprio Cerro de Potosi ⁽²³⁾. Dá minuciosos pormenores sobre as numerosas e custosas *fiestas* que os potosinos organizavam em todas as oportunidades possíveis ⁽²⁴⁾) e parece deleitar-se em tomar nota de muita informação extravagante sôbre as loucuras e fraquezas dos potosinos —■ tal como o episódio em que dois grupos lutavam, nus da cintura para cima, durante um dos períodos de intenso frio que Potosi frequentemente sofria ⁽²⁵⁾.

i⁽¹⁷⁾ *Ibid.*, pág. 88,

1⁽¹⁸⁾ *Ibid.*, págs. 413-414.

l⁽¹⁹⁾ > *Ibid.*, Liv. VII, cap. 8.

i⁽²⁰⁾ *Ibid.*, págs. 212-33; Liv. VII, cap. 16.

t⁽²¹⁾ *Ibid.*, págs. 19-20.

i⁽²²⁾ *Ibid.*, pág. 123,

'(23) *Ibid.*, págs. 182-183; pág. 188.

i(24) «Escribieron estas Reales fiestas muy largamente 'D. Antonio de Acosta en su historia Potosina», *ibid.*, Liv. VIII, cap. 9. Ver também pág. 1349. O autor publicou a descrição (feita por Acosta de uma das mais notáveis festas em «The 11608 Fiestas in Potosí», *Boletín del Instituto Riva-Agüero* (Lima, 19518).

) (25) > *Ibid.*, págs. 231-232.

Acosta revela-se um escritor muito religioso, reflectindo fielmente o espírito da sua época, que foi chamada «un siglo piadoso». Inclui numerosos relatos de milagres, demónios, catástrofes caídas sobre a oidade pelos pecados dos seus habitantes e exemplos de grande caridade e também de falta dela ⁽²⁶⁾. Acosta conheceu um potosino tão piedoso que depois da sua morte foi venerado como santo; vinte anos apos o enterramento, em 1625, o seu corpo — garante-nos Acosta como testemunha de vista quando o túmulo foi aberto — «estaba entero, y tratable, despidiendo de si una fragrancia admirable; efectos de la gloria que gozaba y goza su alma» ⁽²⁷⁾. E, naturalmente, Acosta dá muitas informações sobre os seus amigos Portugueses: como eles lutaram no partido dos *criollos* contra os Vascongadas ⁽²⁸⁾, como um morreu numa aventura amorosa um tanto cómica ⁽²⁹⁾, como um médico português viveu em Potosi ⁽³⁰⁾ e quão nobremente o general Pereyra serviu ai como corregedor ⁽³¹⁾ •

Assim, a *Historia de Potosi* de Acosta deve ser considerada como muito mais do que o relato das tres «destrucciones» que sofreu o centro da prata quando da guerra civil de 1623-1626, a ruptura do dique de Cari-Cari em 1626, que inundou Potosi, e a depreciação da moeda em 1650, embora estes pontos sejam na verdade incluídos, como se verá quando o manuscrito de Orsúa y Vela for finalmente publicado.

Espero que esta breve notícia ajude a despertar interesse entre bibliotecários e bibliófilos no sentido da descoberta de um exemplar do que creio ser a primeira historia impressa da *Vila Imperial* de Potosi — um volume que se supõe publicado no idioma português, em Lisboa.

LEWIS HANKE

<²⁶) *Ibid.*, Liv. VIII, cap. 8; págs. 341-342; 352-354.

í(²⁷) *Ibid.*, Liv. VII, cap. 19. Ver também Liv. VI, cap. 20 e Liv. VIII, cap. 15.

l(²⁸) *Ibid.*, Liv. VI, cap. 12; Liv. VI, cap. 20.

>(29) *Ibid.*, Liv. VII, cap. 20.

!(³⁰) *Ibid.*, Liv. VII, cap. 8.

l(3i) *Ibid.*, Liv. V, cap. 9.